

A Flor de Lótus

© 2022 — Sarah Goldman

Tetralogia: O Sândalo e o Jasmim

livro 1

# A Flor de Lótus

Sarah Goldman

Ditado pelo Espírito

Kabhir

Todos os direitos desta edição reservados a

**CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.**

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira

Marques CEP 13485-150 — Limeira — SP

Fone: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Projeto gráfico: **Sérgio Carvalho**

Ilustração da Capa: **Banco de imagens**

Ilustrações do miolo: **Sarah Goldman**

Revisão: **Gerson Ferracini**

ISBN 978-65-5727-144-5 — 1ª Edição – 2022

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento editorial da  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Kabhir (Espírito)

A Flor de Lótus / pelo espírito Kabhir ; psicografado pela médium Sarah Goldman – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2022.

262 p.

ISBN: 987-65-5727-144-5

1. Literatura espírita 2. Espiritismo - Mensagens

3. Obra psicografada I. Título II. Godman, Sarah

22-4985

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura espírita

**Sarah Goldman**

**Tetralogia:  
O Sândalo e o Jasmim  
Livro 1**

# **A Flor de Lótus**

**Ditado pelo espírito Kabhir**

1ª edição – 2022





## Sumário

|   |     |
|---|-----|
| Apresentação .....                              | 7   |
| 1. O Despertar .....                            | 9   |
| 2 – O resgate .....                             | 12  |
| 3. Tomba o majestoso carvalho .....             | 17  |
| 4. O perfume do sândalo .....                   | 21  |
| 5. O botão de jasmim .....                      | 27  |
| 6. Florescendo entre as pedras .....            | 34  |
| 7. Criando raízes .....                         | 39  |
| 8. O cedro .....                                | 42  |
| 9. O jasmim colhido também perfuma .....        | 48  |
| 10. A dama-da-noite .....                       | 54  |
| 11. O cedro e o jasmim .....                    | 57  |
| 12. A figueira .....                            | 61  |
| 13. Em aprendizado .....                        | 67  |
| 14. A escolha .....                             | 71  |
| 15. Resistindo ao amor .....                    | 75  |
| 16. O conto .....                               | 78  |
| 17. A erva daninha .....                        | 81  |
| 18. A sombra-da-noite .....                     | 86  |
| 19. O que perfuma também pode envenenar .....   | 92  |
| 20. Ashoka .....                                | 96  |
| 21. O gosto amargo da tristeza .....            | 101 |
| 22. O jardim adormecido volta a florescer ..... | 106 |

|  |     |
|--|-----|
| 23. A árvore mais imponente de todas .....                     | 109 |
| 24. O fruto.....   | 112 |
| 25. O jasmim arrancado jamais volta a brotar .....             | 116 |
| 26. Relembrando .....  | 120 |
| 27. A visita.....  | 126 |
| 28. O bote da serpente .....                                   | 130 |
| 29. A tempestade que vem do oeste .....                        | 135 |
| 30. Ultraje .....  | 140 |
| 31. As profundas raízes do carvalho .....                      | 145 |
| 32. O sândalo tomba.....                                       | 150 |
| 33. A essência .....   | 156 |
| 34. A semente .....  | 168 |
| 35. O perfume do sândalo volta a se espalhar pelo reino... 172 |     |
| 36. Dores trazidas pelas lembranças .....                      | 176 |
| 37. A reaproximação.....                                       | 181 |
| 38. O rio corre para o mar.....                                | 187 |
| 39. A visita.....  | 192 |
| 40. As bodas.....  | 197 |
| 41. O aroma do nardo .....                                     | 202 |
| 42. O reencontro.....  | 208 |
| 43. O nardo e o jasmim.....                                    | 215 |
| 44. A consciência adormecida .....                             | 220 |
| 45. A revelação.....   | 227 |
| 46. A árvore é podada para crescer frondosa.....               | 230 |
| 47. Esahu, o médico.....                                       | 234 |
| 48. O escorpião no jardim.....                                 | 238 |
| 49. O alerta .....   | 242 |
| 50. A sementeira e a colheita.....                             | 249 |
| 51. O pacto .....  | 255 |
| Renascimentos dos personagens .....                            | 255 |

## Apresentação

Saudações, queridos leitores.

Em suas mãos entregamos nossas histórias pregressas, das quais não nos orgulhamos, embora rendamos graças pela misericórdia amantíssima que nos permitiu aqui vir humildemente resgatar o passado, narrando e dando testemunho desse Amor que tudo pode!

Trazemos nossos erros, enganos, lutas e vitórias a fim de que, talvez, nosso exemplo fortaleça os irmãos que ainda guardam dúvidas em aderir à proposta de seguir na senda do bem e do amor, integrando as fileiras de trabalhadores da Seara do Mestre dos Mestres.

Todos somos viajores na trajetória do tempo, percorrendo caminhos diversos, parando em várias estações de aprendizado, nessa oficina-escola que é o planeta Terra. Sim, é preciso viver experiências que nos redimam e impulsionem nosso amadurecimento interior até a plena reintegração com o Criador.

Quantas lutas a enfrentar para vencer a nós mesmos, para quebrar a couraça das ilusões, admitir erros e repará-los, transformando orgulho em humildade, ódio em amor, semeando novos valores, sentimentos e atitudes, até finalmente aceitarmos o amor por direção única e o perdão como recurso de libertação e redenção!

Este trabalho resgata memórias longínquas, guardadas na imensidão dos séculos, de dramas vividos por um grupo de almas caídas que há muito caminham juntas buscando ascender e retomar o caminho para o seio do Cria-

dor, de onde um dia desejaram se apartar.

Na administração Divina todos merecemos oportunidades de renovação e crescimento, pois o Amor Maior assim o determina.

Procuremos não julgar nossos irmãos protagonistas de *O Sândalo e o Jasmim*, pois ainda somos almas imperfeitas e frágeis, oscilando entre a sombra e a luz. Acolhamos cada um deles com o coração embebido no bálsamo do amor e da compaixão, pois seus conflitos bem podem ser os de muitos de nós.

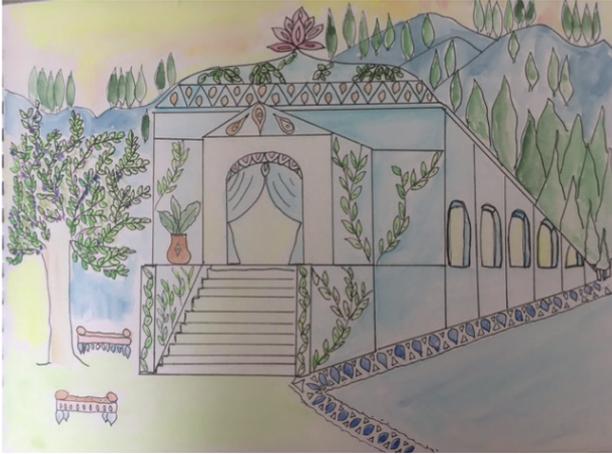
Lembremos as palavras do Mestre Jesus: “Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”. Qual de nós poderia atirar a primeira pedra se conhecesse todo o seu passado?

Que Jesus inspire cada leitor a extrair das páginas deste livro o que de melhor possa ser útil a sua vida.

Recebam nosso fraterno abraço.

Paz e Bem.

*Guias espirituais da obra* **O Sândalo e o Jasmim**



## 1. O Despertar

Em um imenso templo edificado em outra dimensão, mais um dia de singular beleza surgia benevolente. A colônia espiritual era chamada Ashwattha, tendo sido construída ao redor de uma figueira cuja semente fora presenteadada pelo Venerável Rama a seus fundadores.

Um homem de aparência nobre, conhecido como Chandan, se dirigia a um dos aposentos destinados ao repouso de convalescentes recém-resgatados da Cidade das Sombras. Lá repousava Nalini.

Sentou-se ao lado dela, olhando-a em grande expectativa, enquanto ela abria de leve os olhos e esboçava um tímido sorriso de gratidão, para novamente cerrá-los cansados, como se ainda não estivesse acostumada à suave luz matinal daquela cidade espiritual.

Ele se aproximava dela e dizia-lhe:

– Deixe-me dizer quem sou e por que estou aqui a seu lado. Por muitos anos, você esteve no reino das sombras, alienada por culpas que o implacável tempo irá curar no momento certo. Em breve, uma nova oportunidade de renascimento nos será oferecida. Assim como a água sempre corre para a água, mais uma vez correremos um para o outro, nesta nova oportunidade que o Senhor de todas as coisas nos dará.

E prosseguiu com determinação na voz, como se emitisse um comando:

– Devemos aceitar tal proposta de nossos mestres e

protetores, porém não mais como um casal de tolos enamorados, inconsequentes e ignorantes da Lei Maior, mas sim como almas responsáveis, dispostas verdadeiramente a levar de volta à Fonte Criadora toda a nossa família espiritual. Os tempos finais se aproximam. acorde e relembre quem você foi!

Ela se agitava em seu sono tardio, sentindo a vibração da voz de Chandan e de suas palavras poderosas. Em breve acordaria para dolorosas recordações...

A claridade suave do aposento permitia ao espírito de Chandan vê-la em sua forma mais frágil, lembrando-o dos primeiros anos de convívio apaixonado, em um antiquíssimo reino situado em parte na antiga Índia.

Nalini carregava feições sofridas, gravadas profundamente pelos anos de cativeiro ao lado de seu algoz, o também desventurado Nimit. Seus pulsos ainda traziam marcas das correntes que por longo tempo a mantiveram nas trevas, de onde a luz se retirava constrangida frente aos abusos e perversidades lá vigentes. As pálpebras contraídas e a musculatura tensa dos lábios mostravam que seu espírito ainda se mantinha preso nas malhas da dor.

Aquele templo, porém, em que se recuperavam almas caídas e escravizadas em si mesmas, era um foco divino de paz. Fora criado milênios antes por entidades oriundas do último afundamento da Lemúria e contava com a generosa atuação de servidores amorosos.

A bela e harmônica construção lembrava um santuário antigo e se erguia, suavemente iluminada, em meio à extensa cidade trevosa conhecida como Adharma, de onde Nalini pouco antes fora retirada.

Esse templo de amor e paz, por meio de seus trabalhadores, recolhia muitas almas em desalinho com a Lei Divina, reeducando-as para novas experiências. Pelas características de paz e bondade que emanava, afastava quase que por completo as grandes massas ignorantes que desejavam reaver aqueles que conseguiam ser ali acolhidos.

Com voz firme, mas de amorosidade ímpar, ele continuou:

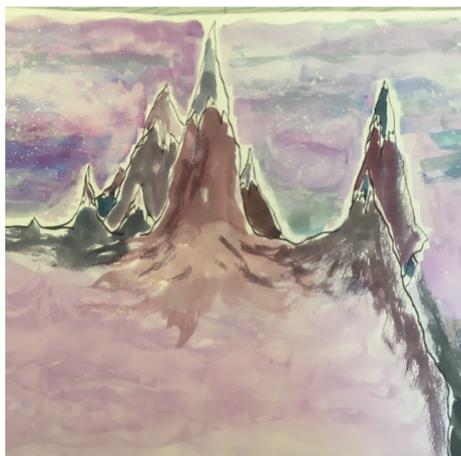
– Nalini, minha amada Flor de Lótus. Os tempos são chegados e a luta se avizinha. De nós se espera a força, a coragem e o definitivo despertar da consciência, que ainda se encontra adormecida pelo desejo de vivermos apenas um para o outro. Basta de afastamento da Fonte Criadora.

O mundo dos vivos nos aguarda e experiências salutares se aproximam. Será necessário, para esse enfrentamento, mais que o sentimento poderoso que seguidamente nos moveu um para o outro através dos séculos.

E prosseguiu, emocionado:

– Para as vindouras provas na carne, deveremos extrapolar nosso amor, expandindo-o, e não somente cultivá-lo para nossa própria satisfação. Este é o caminho da redenção humana. Nós e nossos companheiros de jornada somente sairemos vitoriosos na luta se nos apoiarmos em sentimentos mais elevados. Nossos erros redimidos serão a escada que nos guiará de volta ao Criador, de quem nos separamos pelo egoísmo. Abra os olhos, Princesa, e relembre nossa triste história. É hora de abandonar as trevas definitivamente e permitir que a luz da consciência se faça presente. Acorde e escute.

E por dias seguidos repetiu essa intervenção amorosa, até que a jovem despertou.



## 2 – O resgate

Naquele mesmo palácio de luz, dias antes do resgate de Nalini, um grupo de espíritos se reuniu em uma das muitas varandas acolhedoras. Estava-se alguns séculos antes de Cristo, embora os tempos desta história não sejam bem precisos.

A questão a ser ali tratada não era simples, apontava o sábio Kabhir, apreensivo. Provocar qualquer convulsão nas sombras em um momento tão crítico para a humanidade, à qual o amado Mestre dos Mestres, o Messias, seria conduzido em breve, seria imprudente.

O bem opera no silêncio e no amor. Chandan teria que agir com auxílio de poucos servidores, em contraste com os tempos em que vivera como rei e comandara milhares de soldados com apenas uma palavra. Desta vez, estaria praticamente sozinho.

Próximo dali, em uma extensa biblioteca, Chandan movia-se ansiosamente, aguardando o comando superior que o autorizaria a iniciar as operações de resgate da princesa, imantada desde seu desprendimento terreno às regiões inferiores por meio das próprias algemas mentais.

Fora alertado de que a operação exigiria extrema cautela, a fim de não chamar a atenção de espíritos ainda muito revoltados, e por isso perigosos, que buscariam a todo custo afrontar a pequena equipe e a colônia, criando dificuldades para a manutenção do clima pacífico que o nascimento do Messias exigiria.

Imerso em seus pensamentos, Chandan tentava mostrar calma e firmeza de propósito, porém os sábios que coordenavam a operação, principalmente Kabhir, conheciam seu coração e os gigantescos sentimentos que o imantavam profundamente a Nalini, bem como a seu maior desafio: Nimit.

Tempos imemoriais haviam amalgamado essas almas que, vida após vida, se reconheciam e atraíam mutuamente, não importando a distância a que estivessem ou quanto o esquecimento trabalhado entre os reencarnes os fizesse abandonar as ressentidas memórias, preparando-os para novas experiências.

Era urgente uma investida rápida e silenciosa a fim de confundir Nimit e seus servidores, removendo Nalini o quanto antes, de modo a evitar represálias para além daquelas já previstas.

Chandan fora orientado a aproveitar o último tsunami do período, previsto a ocorrer três dias mais tarde. Juntamente com seu corajoso companheiro Janaka, além de dois desvelados trabalhadores de Ashwattha, aproveitariam a convulsão que a gigantesca onda provocaria, para subtrair Nalini ao doloroso exílio, que já durava quase um século.

Os poderes mentais de cada um seriam suas únicas armas, embora Chandan fosse autorizado a usar, em caso extremo, uma espada forjada por espíritos que não mais habitam as dimensões conhecidas. Da origem do metal quintessenciado e das inscrições nela grafadas nada se sabia, mas a bravura de Chandan o autorizava a empunhá-la se necessária à defesa da colônia e de seus trabalhadores. Em verdade, o temor que os espíritos trevosos tinham de Chandan era uma das armas mais eficazes de Ashwattha contra as inúmeras tentativas de ataque, que ocorriam de tempos em tempos sob o comando de Nimit.

No momento oportuno, eles partiram de Ashwattha, atenuando a força vibracional de seus corpos espirituais. Caminharam silenciosamente por estradas avermelhadas, circundadas por sombria vegetação e enormes muralhas que escondiam uma cidade formada por palácios menores, casas e também habitações mais pobres e improvisadas – construções, todas elas, edificadas na vã tentativa de parecerem imponentes.

Não pense o leitor que nessa região não havia transporte, comércio, vegetação, templos religiosos ou até lo-

cais de diversão. Sim, existiam. Tudo fora plasmado para afastar da luz os habitantes, cada um deles escravizado na própria mente obscurecida pelo apego à satisfação do ego. O processo, para além da obsessão, era o de completo aprisionamento mental. Cada um vivia para si e para satisfazer seus caprichos. Não há prisão maior do que viver dentro de si tendo por carcereira uma alma ignorante do bem.

O frio era constante, porém suportável para mentes fortes como as dos quatro homens.

Os milhares de habitantes caminhavam como autômatos pelas avenidas escuras, procurando locais compatíveis com seus padrões vibratórios, tão destoantes daqueles de Ashwattha. Portavam roupas pesadas e escuras, adornadas com penas, peles e brocados de triste mau gosto. Nos trajes mesclavam-se estilos de épocas díspares, já que os espíritos ali aprisionados pelo próprio campo mental já estavam por quase três mil anos habitando a cidade sombria.

Curiosamente, não havia grandes atritos entre eles; apenas uma gigantesca ignorância do bem. A obediência e a servidão eram asseguradas por leis severas e regras absurdas, cujo único propósito era reforçar em cada mente a ideia de que a verdadeira vida é a do domínio sobre os fracos, além da preocupação consigo mesmo.

O culto ao ego, ao personalismo, ao orgulho de casta e de pretensos saberes era característico em todas as almas. Com frequência ocorriam disputas pelo poder, sendo o favorecimento político uma prática constante.

Percebia-se, contudo, uma agitação estranha e uma inquietude crescente pairando no ar, e essas vibrações densas foram captadas de imediato pelos homens responsáveis pela busca de Nalini.

Aos poucos, os quatro trabalhadores compreenderam o motivo de estarem aquelas almas buscando um modo de proteger suas casas, utilizando para isso formas mentais precárias que se prestavam a selar as portas e janelas, além de magnetizar o piso para mantê-lo firme, visto que em muitas construções já haviam cedido visivelmente. Eles pressentiam a atemorizante onda se formar no astral.

Sabia-se que após a passagem dos tsunâmis cada qual se organizava para reconstruir a própria moradia, à medida que encontrava disponível a densa matéria mental, comercializada por Nimit e seus asseclas, matéria esta cada vez mais rara.

Muitas almas, esvaídas em energia após cada processo de higienização trazido pelas águas, eram empurradas para locais mais pobres e desorganizados, situados em regiões mais afastadas, facilitando assim a ação do bem em abordá-los para que fossem encaminhados e socorridos pelos trabalhadores de Ashwattha.

Os quatro corajosos trabalhadores chegaram então a seu destino e se dirigiram aos calabouços, onde fizeram adormecer, por via hipnótica, os carcereiros ali presentes. Chandan mais tarde entenderia o motivo pelo qual dois soldados tão fracos e sem a menor resistência mental haviam sido escalados para a guarda da jovem.

A hora exata para tal ação era aquela; cem anos haviam transcorrido até que a autorização fosse dada e Chandan pudesse interceder em favor de Nalini, cujo campo mental se limitava às frequências que convinhavam a Nimit. Quebrar tal imantação era processo complexo, visto ter sido forjado na própria vontade de ambos os espíritos.

O estado agitado de Nimit, frente aos eventos cataclísmicos que se aproximavam, levou-o a ocupar-se de outras questões além do cativo de Nalini, dando assim margem para que o grupo agisse naquele preciso momento. Os quatro homens sabiam que a prisão energética criada entre ambos estava fragilizada pela aproximação do tsunâmi, que desta vez prometia ser gigantesco, alcançando cerca de mil metros de altura. Tal evento mobilizou todos os servidores do mal na contenção do castelo de seu líder, e assim a vigilância sobre Nalini se debilitara.

Alcançar Nalini não foi tão difícil quanto desligá-la vibracionalmente dos laços criados entre ela e Nimit, frutos da ira e da revolta, visto terem sido construídos ao longo de sucessivos séculos de mútua perseguição. Rapidamente os servidores que acompanhavam Chandan realizaram operações mentais complexas, que enfraqueceram temporariamente as algemas magnéticas, permitindo a remoção de Nalini para Ashwattha.

Desfalecida, foi carregada por Chandan e, durante todo o trajeto de retorno, foram estranhamente ignorados pelos habitantes angustiados, que os confundiram com exilados que buscavam abrigo frente à parede de água que se acercava.

Chandan, olhando para o alto, já avistava imensas naves iluminadas, iniciando o processo de plasmagem de um

gigantesco oceano nas cercanias da cidade, dando assim algum tempo para aqueles que, já exauridos no próprio mal, desejassem pedir ajuda sincera. Outras equipes iriam recolhê-los oportunamente.

Tão logo adentraram os portões de Ashwattha, as marcas das algemas nos pulsos de Nalini se tornaram mais evidentes. Um estado de alienação e pavor, aliado a completa perda de memória, tomou conta daquela mente fragilizada pelos anos de cativo. Entrou em estado de profundo torpor, preocupando seus resgatadores.

Durante quase oito dias, Chandan velou por Nalini sem descanso, aplicando-lhe energias curadoras e qualificadas pela prece em forma de mantras, em um idioma já esquecido. Kabhir e Kanti, dois espíritos amigos de ambos, dividiam com ele a preocupação com Nalini e auxiliavam seu processo de recuperação durante o sono.

Todos eles, diretamente, faziam parte da mesma história, hoje perdida nos milênios. Sabiam, silenciosamente, que a força que ligava suas almas por meio das próprias ações era imorredoura.



### 3. Tomba o majestoso carvalho

Nos dias anteriores ao resgate descrito, Nimit, sentindo as vibrações dos espíritos benfeitores que oportunamente também o recolheriam, confinou Nalini em um aposento afastado e sem comunicação, acorrentada e vigiada por dois soldados.

Afirmava a si mesmo que não iria perdê-la novamente para Chandan, para os benfeitores de Ashwattha ou para quem quer que se apresentasse a ele nos confusos sonhos que vinha tendo.

Não aceitaria que Nalini se reintegrasse ao seio do Criador através do processo evolutivo. De forma nenhuma! Ele que se contentasse com as demais mulheres do Universo, pois aquela lhe pertencia. Muitas vezes, porém, Nimit sentia o hálito divino, que soprava em tudo, tocar-lhe o coração empedernido, vivenciando mesmo algum remorso...

Durante o sono, pois os espíritos também necessitam de repouso, e após exaustivas batalhas nas trevas, ele era levado a outras paragens, onde instrutores caridosos pediam o despertar de sua consciência, lembrando-o do processo evolutivo do qual todos fazemos parte e que não mais poderia ser por ele adiado.

O próprio mestre Kabhir, em várias oportunidades, deixava Ashwattha e rumava à cidade trevosa, onde, quase invisível aos olhos de seus habitantes, ia até Nimit, cujo corpo espiritual estava inerte em seu trono.

– Nimit, a hora final se aproxima para todos que se desviaram do caminho. Nosso arrependimento é uma benção e um lenitivo, sempre considerado pelo Pai. Você, Nalini, Chandan e eu mesmo somos frutos de uma mesma árvore, cujas profundas raízes remontam a tempos imemoriais. Abandone as trevas em que está e peça ao Criador supremo que lhe conceda paz. Liberte Nalini e permita que ela venha a Ashwattha, onde nos reuniremos na Luz, na verdade e na busca do verdadeiro amor.

Nimit se agitava após esses encontros e despertava desgostoso de tudo. Sentia uma tristeza e um vazio incensuráveis. Lentamente, seu corpo espiritual, impregnado ainda de vícios e perversidade, se recompunha. Acreditando-se senhor de si mesmo, o infeliz praguejava:

– Jamais me renderei para esse Deus que não temo. Não renunciarei a nada! Afaste-se de mim, feiticeiro, ou novamente atacarei a maldita colônia. Que me importa resgatar erros? Isso é para os fracos e para os que sentem culpa.

Contudo, por dias Nimit também vinha sentindo uma estranha vibração no pesado ar que o circundava, como se a contenção do mal que lá reinava se intensificasse por forças desconhecidas. Sabia em seu íntimo que as entidades das trevas continuariam trancafiadas e vigiadas nos submundos por mais alguns séculos, até que o Cordeiro trouxesse sua mensagem ao mundo.

Após esse período de isolamento que, já se sabia nas trevas, duraria mil anos<sup>[1]</sup>, Nimit planejava um reinado de poder absoluto, cujas garras ultrapassariam o próprio planeta. Sim, em sua mente enferma ele seria um monarca cujos domínios não teriam limites. Pensava, irônico:

– Quanto tempo duraria o reinado do Cordeiro? Dez, vinte, trinta anos? E depois? Que homens encarnados dariam continuidade às tais mensagens de amor e esperança que ele traria?

Afinal, pensava, os homens, nas trevas ou na Terra, eram quase todos covardes e não havia por que se inquietar por qualquer mensagem trazida pela Luz, principalmente se esta, como haviam profetizado, orientasse todos a se amarem como irmãos, filhos de um único Pai, além de pregar a caridade e o perdão.

---

[1] Ver a obra *Francisco de Assis* (capítulo “Uma cidade diferente”), ditada por Miramez e psicografada por João Nunes Maia (Editora Fonte Viva).

– Não – concluiu. – Tais mensagens jamais seriam acatadas em parte alguma.

A missão de amor do Cordeiro, portanto, não incomodava a Nimit, pois acreditava que já estava fracassada de antemão. Não compreendia o motivo de tamanho empenho dos servos da Luz para conter o mal nos tempos que antecediam o nascimento daquele ser que, diziam, era pura luz e puro amor.

Nimit, Nalini, Chandan e Kabhir, já conheciam a proposta do Cordeiro, pois já haviam estado pessoalmente com Ele pouco antes do terceiro exílio que lhes fora imposto. Havia se comovido sinceramente com as promessas que aquele ser de amorosidade inimaginável lhes fizera. Ele prometera que jamais os abandonaria, chamando-os à luta redentora através do amor e do trabalho constante de si mesmos.

Junto a eles, quedaram-se para o exílio na Terra, último reduto de rebeldes e de seus líderes, outros tantos bilhões de almas. Todas foram abordadas amorosamente por Jesus pouco antes de aportarem na Terra, banidas de seus planetas<sup>[2]</sup> pelas iniquidades cometidas. Ele as havia preparado para nascerem junto aos povos esquecidos do sul. Mas isto é outra história...

Todos os dirigentes das sombras, incluindo Nimit, sentiam-se fraquejar em seu poder e influência sobre a Terra, o que reduzia em muito as possibilidades de qualquer ataque aos prepostos do Cordeiro.

Inúmeras vezes Nimit testemunhara irado as tempestades, terremotos, erupções vulcânicas e indescritíveis tsunâmis varrerem as escuras terras que habitava no astral. Logo em seguida a tais eventos, caravaneiros de Ashwattha e outras colônias recolhiam um infindável número de almas, encaminhando-as a outros planetas ou para o retorno à vida encarnada, a fim de se reajustarem à Lei Divina por salutares renascimentos, ainda que marcados por vivências dolorosas.

Com ele, jurava, seria diferente. Não cairia mais nas garras dos odiados trabalhadores da Luz. Não se permitiria fraquejar nem ser abordado pelos servos do Cordeiro.

Há muito dominava as regiões escuras, tendo construído por meio do poder de seus magos escravizados um ver-

---

[2] Ver as obras *Atlântida: no reino da luz* e *Atlântida: no reino das trevas*, de Roger Bottini Paranhos (EDITORA DO CONHECIMENTO).

dadeiro feudo de pavorosas proporções, conhecido como Adharma. Ali, continuava a exercer o mesmo poder de que temporariamente dispusera enquanto estava encarnado.

Ele não ignorava que a consciência pulsava em cada ser, ressoando a voz do Supremo Criador por meio de sua Lei, mas ainda assim abusava da manipulação mental de seus escravos, tentando neles obscurecer a manifestação divina. O afastamento revoltoso da Fonte Criadora sempre gera crises na criatura, pois o processo evolutivo é uma lei imutável e foi planejado pelo Pai para que fluísse constante. Cessar tal movimento era impossível para qualquer espírito e, mesmo mergulhado nas trevas em que se encontrava, Nimit estava de alguma forma abarcado pela mesma espiral evolutiva. Apenas escolhera o caminho mais pedregoso. O despertar, com certeza, viria a seu tempo.

O antigo rei, infeliz e emocionalmente ferido, reconhecia estar, cedo ou tarde, condenado ao exílio em outros orbes, mas desejava carregar consigo o maior número possível de consciências para mantê-las ainda mais afastadas do processo de reintegração ao Criador. Escolhera reinar por si e para si. Escolhera ser cruel e exibiria a todos seu mais precioso troféu: Nalini, que, ainda na Terra, se consorciara a ele. A jovem era conhecida nas trevas por realizar grandes feitos de magia manipulando matéria escura, plasmando assim o que desejasse.

Nimit não imaginava que seus dias de afastamento do Pai estavam contados e que muito em breve, considerando o tempo do mundo extrafísico, seria mais uma alma arrebatada pela bondade maior que envolve todos os seres.

É a Lei.